



14.08.2006

IMPRIMIR

As desigualdades do Sudeste

O Sudeste ostenta alguns dos melhores indicadores sociais do país, mas na região muitos cidadãos não têm acesso a serviços básicos. Em Belo Horizonte, o repórter Ismar Madeira tem um retrato da distância entre ricos e pobres no Sudeste.

Essa desigualdade tem diminuído no Sudeste, como em todo o país. Mas bem devagar. Além de cidadãos em situação desigual, existem desníveis muito grandes de riqueza também entre municípios, dentro de um mesmo estado. O repórter Ismar Madeira visitou lugares que parecem de primeiro mundo e outros que ainda precisam se desenvolver muito.

Uma vizinhança impecável, luxuosa. Perto de lá, ruas sem calçamento, casas humildes. Em Santana de Parnaíba, São Paulo, 10% dos moradores ficam com 60% da renda.

Retrato de um problema estrutural e centenário do Brasil. Em 1990, 9,9% dos brasileiros eram considerados extremamente pobres. Em 2003, eles eram 5,7% da população.

Mas nem a redução da pobreza ajudou a diminuir a distância entre ricos e pobres, a desigualdade, que pode ser medida pelo coeficiente de Gini, que varia de zero a um.

Em 1985, o índice nacional era de 0,596. Ficou estável na década de 90, justamente quando caiu o percentual dos que vivem na extrema pobreza. Só a partir de 2001 foi registrada uma redução do Índice de Gini, que chegou a 0,569.

Para os pesquisadores, vários fatores ajudaram, como o aumento da escolaridade e a estabilidade da economia, que começou com o Plano Real.

A dona de casa Maria Perpétua Heridia lembra se bem dos tempos da hiperinflação.

"A gente fazia uma compra e quando ia tornar fazer aquela compra, meu Deus, então, vou ter que tirar um bocado de coisa porque o dinheiro não vai dar", lembra ela.

Programas de transferência de renda ajudaram a diminuir a desigualdade.

"Você tem fatores mais antigos, como a própria estabilização, como fatores contemporâneos, como a difusão de uma série de estratégias, de programas de combate à pobreza. Por exemplo, o Bolsa Família, ou seus antecessores, como o Bolsa Escola", avalia o economista da FGV, Marcelo Néri.

A dona de casa Solange Rodrigues da Silva recebe o Bolsa Família para manter os cinco filhos estudando.

"No mês que eu não preciso comprar nada pra eles, dentro de casa, que eles pedem, aí eu compro material de escola, compro uniforme pra eles. Tem me ajudado muito", diz Solange.

O número de beneficiados, como ela, só aumentou no país. Neste ano, a meta é chegar a mais de 11 milhões de famílias inscritas. A um custo de R\$ 8,3 bilhões.

"Para resolver o problema da desigualdade nós temos de atuar em várias frentes. Nós temos que mexer com educação, é fundamental. Nós temos que ter recurso pra saúde e nós temos também que fazer transferências diretas de renda, a exemplo do Bolsa Família. Mas a palavra chave é aumentar a eficiência, aumentar a eficácia desses programas porque nós temos, obviamente, recursos limitados pra isso", diz o economista Raul Veloso.

Os recursos nem sempre chegam a quem mais precisa, na rota da pobreza.

O caminho do progresso e o do esquecimento. Na divisa da rodovia, a marca da desigualdade, as estradas de terra levam a algumas das cidades mais pobres da região.

Seguindo o caminho de terra, no interior de Minas, chegamos a Setubinha: o pior IDH do Sudeste. Lá, a renda média é de R\$ 73 e 46% dos moradores são analfabetos.

"As famílias não dão valor à importância da alfabetização, do aprendizado dos filhos, então às vezes fica filho em casa sem estudar", fala a diretora de escola, Jandira Lopes Amaral.

Agora, vamos pelo asfalto. Bem-vindo a Poços de Caldas. No município mineiro, apenas 5,5% de analfabetos e renda média de R\$ 435.

"Tenho tudo, né, graças a deus não falta nada. Luz, água, o telefone, a televisão, a geladeira, tenho tudo, graças a Deus", comenta a dona de casa, Delma Lino de Araújo.

As duas cidades estão na lista de programas que ajudam brasileiros de baixa renda. Os especialistas afirmam que, de fato, mais de 70% dos recursos do Bolsa Família chegam aos mais pobres, o que é considerado bom pelo Banco Mundial.

Mas ainda restam cerca de 24% dos benefícios que acabam nas mãos de pessoas que não estão entre as mais pobres.

Em Setubinha, onde as escolas são precárias e falta saneamento básico, uma família não recebe qualquer benefício. O casal ganha menos que um salário-mínimo.

Mesmo com tantas dificuldades, Maria do Rosário Santos Nascimento sonha em conhecer um mundo menos desigual. Mantém os sete filhos em idade escolar estudando.

"Eu quero que eles estudem pra eles terem um futuro melhor na vida deles, pra eles não sofrerem igual eu sofro", afirma ela.

Encontre esta reportagem em:

<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1249120-3586,00.html>

IMPRIMIR